



ÓRGÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
Nº 7, MAIO DE 2016, WWW.PORMASSAS.ORG – ESTUDANTIL@PORMASSAS.ORG

É preciso aprender com a luta e fortalecer o movimento da juventude na luta

14 de maio de 2016

O movimento de ocupação das ETECs e das Diretorias de Ensino provocou a ira do governador Alckmin, que em vez de atender as reivindicações lançou a polícia contra os estudantes. Toda forma de resistência à degradação do ensino público e gratuito fortalece o movimento geral das massas exploradas contra a barbárie capitalista. Viva as ocupações! Abaixo a repressão!

O movimento da juventude renasceu com as ocupações de mais de 200 escolas públicas e com manifestações de rua, no final do ano passado. O governador Geraldo Alckmin se viu diante do seguinte dilema: ou reprimir duramente o movimento ou recuar em seu “plano de reorganização” (fechamento de escolas, de turnos e deslocamento de estudantes). Reprimir significaria desalojar à força as ocupações e jogar a tropa de choque sobre as manifestações.

Por que preferiu o recuo? Porque o movimento de ocupação crescia e contava com amplo apoio da população. A repressão poderia fortalecer a luta de massa. A repercussão política contra um governo do PSDB, que conspirava para derrubar o governo do PT, não lhe seria conveniente. A opção pelo recuo, assim, se tornou a melhor saída para Alckmin.

Sem dúvida, foi uma vitória parcial e momentânea das ocupações. O problema é que a juventude em luta não contou com uma direção política à altura dos acontecimentos. O movimento refluíu sem que se mantivesse organizado. Organização essa necessária para a continuidade da resistência aos cortes que Alckmin acabaria fazendo, sob a justificativa de que em não havendo aluno a Secretária da Educação fecharia salas.

A ideia de que não era preciso uma direção e uma base organizada se espalhou no movimento de ocupação. Há inclusive aqueles que não veem importância na formação dos grêmios livres. É claro que

também há as correntes aparelhistas que burocratizam e procuram sujeitar a juventude à política eleitoral. Acabamos de ver a UMES desviar a luta para a convocação de uma CPI da merenda, servindo a interesses eleitorais e às disputas na Assembleia Legislativa de São Paulo.

É compreensível que a vanguarda que ocupou as escolas tenha prevenção e rechace o oportunismo aparelhista-eleitoreiro. Mas a resposta aos desvios políticos não deve ser a de negar e hostilizar a tarefa de constituir uma direção que surja da luta e que conflua com a política revolucionária da classe operária.

O que tem a ver com a retomada do movimento que se iniciou com a ocupação do Centro Paula Souza e das ETECs? O que tem a ver com as ocupações das Diretorias de Ensino Centro Oeste, Norte 1 e Guarulhos? Tem muito a ver. Desta vez a luta ficou restrita e isolada. Poderia ter contato com a ajuda da organização secundarista, caso os estudantes tivessem saído organizados do movimento de ocupação de novembro/dezembro do ano passado. O fato de não se constituir uma comando estadual permanente e não se proliferar pelas escolas um movimento de formação dos grêmios livres prejudicou imensamente a tarefa de manter a politização das massas estudantis, de elevar sua consciência social e impulsionar a experiência coletiva por meio da organização.

Não há nada mais nocivo à causa dos explorados e oprimidos que a ausência de uma firme direção política e uma sólida organização coletiva. Não esqueçamos que a juventude em luta faz parte da classe operária e da classe média arruinada. Ao se colocar em ação, choca-se com a política burguesa e com a dominação capitalista. Está aí por que o culto ao espontaneísmo, ao imediatismo e ao autonomismo individualista, que é oposto ao princípio da independência política diante das autoridades burguesas, enfraquece a luta coletiva perante a repressão

governamental e inclusive perante as correntes oportunistas e aparelhistas.

A reintegração de posse do CPS, das ETECs e, nesse momento, das Diretorias de Ensino mostrou que o governador e a burocracia escolar viram que podiam partir para a repressão. Foi uma opção distinta diante do amplo movimento de ocupação do ano passado. Geraldo Alckmin se encorajou ao ver que as ocupações não expressavam um movimento massivo e que a ação policial não provocaria uma vigorosa resposta dos estudantes.

Na desocupação da CPS, o governo procurou se resguardar com a cobertura da Justiça. Mas não admitiu a determinação de que a polícia não utilizasse armamento de espécie alguma. No final das contas, montou-se uma operação de aparência civilizada. Ao contrário, na reintegração de posse das Diretorias de Ensino, a ordem foi a de desconhecer qualquer recomendação judicial e

“baixar o cassetete”. Os ocupantes foram arrancados à força. O camburão os esperava. Mais de 50 estudantes foram detidos.

Não há novidade nesse acontecimento. Quase sempre os governos enfrentam a luta coletiva dos oprimidos com os métodos policiais. E essa é a razão pela qual temos de ter clareza de que qualquer movimento por qualquer reivindicação se transforma em luta política. A direção e a organização são decisivas para medir o seu alcance, a capacidade de enfrentamento, a preparação e as respostas.

O movimento de ocupação deu um salto à frente mostrando o caminho a seguir, mas precisa criar uma direção nascida de suas entranhas que esteja disposta a assimilar as grandes experiências da luta de classes e as consequentes conquistas políticas, organizativas, teóricas e programáticas.

Organizar um movimento secundarista de massa baseado em um programa

As ocupações do ano passado responderam ao plano de fechamento de escolas. Fizem parte do movimento de professores que resistiam à política de ajuste fiscal e de cortes orçamentários do governo de São Paulo. As recentes ocupações das Diretorias de Ensino foram uma resposta ao mesmo problema e, portanto, à mesma política. As ocupações da CPS e das ETECs, por sua vez, foram motivadas pela falta de refeição. Basta unir as reivindicações e se verá que refletem a mesma diretriz governamental de sucatear o ensino público.

A luta começa por algum ponto, no caso pelo não fechamento de escola e pela refeição. Mas nem todos os estudantes estão ameaçados diretamente pelo “plano de reorganização” ou pela ausência de refeição, mas todos estão ameaçados pela degradação do ensino público e gratuito. Ao isolar as reivindicações particulares das causas gerais, prejudica-se e mesmo inviabiliza-se a luta organizada das massas secundaristas.

Como resolver esse problema que se evidenciou no movimento de ocupação? O primeiro passo é tomar consciência dele a partir da experiência vivida. A reivindicação desligada do programa de luta e o isolamento das ocupações perante as massas secundaristas demonstram a falta de uma direção política revolucionária e de uma organização coletiva de base. Como se pode ver, o desligamento da reivindicação e o isolamento da ocupação são consequências da ausência de uma política proletária no seio da juventude. E, por isso, passa ser causa da fraqueza do movimento diante do Estado e do governo burguês. Está aí por que insistimos na importância da direção política, da organização e do programa.

Alckmin fecha escola e submete os estudantes de tempo integral das ETECs ao lanche frio (às bolachinhas,

etc.) porque o capitalismo em desintegração não pode sustentar uma escola pública que realmente ensine, que receba toda a juventude em igualdade de condições de estudo e que garanta a permanência dos mais pobres, que são a maioria. Está aí a base do programa que unirá a maioria da juventude em luta contra a opressão capitalista. Exigimos uma escola pública que de fato ensine, que dê iguais condições de estudo a toda juventude e que garanta a permanência.

Algumas das condições desse programa: 1) sistema único de educação, público, gratuito e sob o controle de quem estuda e trabalha; 2) escola vinculada à produção social, em que o estudante aprende na escola e no trabalho (unidade entre a teoria e a prática); 3) nenhum jovem fora da produção social e da escola; 3) jornada de trabalho compatível com os estudos; 4) não mais que 25 alunos em sala de aula e a reabertura de todas as salas fechadas; 5) condições de permanência: refeição e passe livre.

Abrutal repressão sofrida pelos ocupantes demonstra que esse é um dos caminhos por onde passará a luta pela defesa do ensino público e gratuito e a reconstrução do movimento secundarista. É parte do programa as bandeiras democráticas de liberdade de manifestação, expressão e organização independentes. Denunciemos amplamente a violência policial e exijamos o fim dos processos sobre os estudantes.

***Viva o renascimento do movimento secundarista!
Constituir uma direção programática, de luta e revolucionária!***